



## O SUJEITO FOUCAULTIANO NA OBRA DA HISTÓRIADORA MARGARETH RAGO

### THE FOUCAULDIAN SUBJECT IN THE WORK OF HISTORIAN MARGARETH RAGO

Victor Fernando Gouvea Cardoso<sup>1</sup>

#### RESUMO

A influência do pensamento de Michel Foucault na historiografia brasileira é patente, principalmente após os estudos da década de 1980, quando passou a servir como referencial teórico de grandes historiadores brasileiros. A teoria foucaultiana foi explorada em suas diversas propostas, tais como as relações de poder, análise dos discursos e a defesa de uma história-problema. Porém, aquela questão que o próprio autor aponta como fundamental em suas teorias - a questão do sujeito - pouco configurou como objeto de pesquisa por parte da historiografia brasileira. Buscou, nesse artigo, avaliar como a historiadora Margareth Rago utilizou-se da concepção foucaultiana de sujeito em sua produção historiográfica. Para tanto, é objeto de investigação dessa pesquisa a representação histórica do conceito de sujeito de Michel Foucault na produção do livro de Rago *Os prazeres da noite* – que problematizou sua pesquisa histórica a partir de Michel Foucault, na década de 1990. Palavras-chave: Michel Foucault. Sujeito foucaultiano. Historiografia. Margareth Rago.

#### ABSTRACT

The influence of Michel Foucault's thought on Brazilian historiography is clear, especially after the studies of the 1980s, when it became the theoretical reference for major Brazilian historians. Foucault's theory has been explored in its various proposals, such as power relations, discourse analysis and the defense of a problem-history. However, the question that the author himself points out as fundamental in his theories - the question of the subject - has hardly been an object of research in Brazilian historiography. In this article, I sought to assess how historian Margareth Rago used the Foucauldian conception of the subject in her historiographical production. To this

---

<sup>1</sup> Graduando do 4º ano de curso de História pelo UNISAGRADO, Bauru-SP. Artigo realizado para as disciplinas de História Contemporânea e Metodologia de Pesquisa em História, sob a orientação da Profª Drª Lourdes M. C. Feitosa e do Profº Drº Roger M. M. Gomes.



end, the object of this research will be the historical representation of Michel Foucault's concept of subject in the production of Rago's book *The Pleasures of the Night* - which problematized her historical research based on Michel Foucault in the 1990s. With this project, I therefore sought to identify the historical representation of Michel Foucault's concept of the subject in the selected historiography.

**Keywords:** Michel Foucault. Foucauldian subject. Historiography. Margareth Rago.

## INTRODUÇÃO

A maneira como os historiadores escrevem a história, modificou-se ao longo do tempo. Se olharmos os grandes paradigmas históricos, notaremos as divergências entre o seu fazer (historiografia) e a relação com a própria concepção de história. A busca pela cientificidade da história juntamente com a formação de comunidades específicas de historiadores, na passagem do século XVIII para o século XIX, fizeram emergir esses paradigmas, a princípio o Historicismo e o Positivismo, seguido pelo Materialismo Histórico (BARROS 2017).

Nos paradigmas foram se criando os posicionamentos teórico-metodológicos específicos, para se produzir o conhecimento histórico, tendo em vista, agora, a cientificidade da história. Por meio deles surgem figuras importantes como sujeitos produtores da história, ou seja os historiadores. Jenkins sustenta essa afirmação da transformação da história quando diz que: “a história é um discurso em constante transformação construído pelos historiadores e que da existência do passado não se deduz uma interpretação única: mude o olhar, desloque a perspectiva e surgirão novas interpretações” (JENKIS, 2001, p. 35).

Mas, essa percepção apontada por Jenkins sobre a história é muito recente, adivinha das transformações na historiografia do final do século XIX para o século XX. Segundo Barros (2011) a história ao longo do século XX, se beneficiou da interdisciplinaridade, como a Psicologia e a Antropologia, para as concepções e abordagens dos historiadores, ou seja, novas formas de se escrever a história.

Aqui estamos falando já da primeira geração dos *Annales*, de Lucien Febvre e Marc Bloch, fundadores, em 1929, da revista *Annales*, intitulada originalmente como



*Annales d'Histoire Économique et Sociale*. Aos poucos a história vai se reconfigurando em novas práticas historiográficas, não como um processo acumulativo, mas com novos olhares e novos horizontes, por mais que alguns métodos ou abordagens sejam criticados e trazidos por não historiadores. Entre as novas abordagens, na França o nome de Michel Foucault na segunda metade do século XX, começa a aparecer nas ciências humanas. Indubitavelmente Michel Foucault sacudiu as evidências com suas publicações e ideias que trazem as noções de descontinuidade, relações de poder/dominação, a objetivação do sujeito pelas ciências humanas, noção de discursos, poder, entre outras que tiveram grande impacto nas ciências humanas.

Segundo Rago (1995, p.67), “Veyne chamou a atenção dos historiadores para um movimento conceitual em curso desde os anos sessenta, e para o qual ainda não havíamos tido olhares muito favoráveis”. Porém, desde a publicação de sua obra *VIGIAR E PUNIR*, publicado em 1976, Michel Foucault tem sido cada vez mais procurado e citado por diversos campos do saber. Prova disto é que no ano de 2019 uma revista de Oxford<sup>2</sup>, intitulada *Research Evaluation* publicou uma tabela com os 50 autores mais citados em artigos de história, entre Karl Marx, Pierre Bourdieu, Max Weber e outros nomes encontrados nessa lista, o primeiro lugar ficou com Michel Foucault.

Entre os historiadores, Foucault não se pretendeu historiador, mas suas problematizações e os trilhos que desbravou para resolvê-las Foucault chamou a atenção para si, e defendeu uma história-problema. “Os objetos históricos assim como os sujeitos emergiam aqui como efeitos das construções discursivas, ao invés de serem tomados como pontos de partida para explicação das práticas sociais” (RAGO, 1995, p.70-71).

Em *A arqueologia do saber*, Foucault expõe seu método arqueológico que focaliza as práticas discursivas que formam o saber de uma época; na mesma obra ele esclarece que no método arqueológico “A história que busca não é linear, diacrônica, causal. Esse tipo de historicidade pretende encontrar uma razão, um logos por meio do qual se decifrar o sentido da história” (ARAÚJO, 2008 p.57). Outro método encontrado nas obras de Foucault é aquele que se opõe à busca de origens, ou chamado de método

---

<sup>2</sup> *Research Evaluation*, Volume 28, Issue 4, October 2019, Pages 383-393, <<https://doi.org/10.1093/reseval/rvz024>>.



genealógico. A genealogia foucaultiana que deriva a partir das leituras de Nietzsche, sua arqueologia e suas outras contribuições como a noção do poder, “[...] Michel Foucault tem sido a um só tempo um dos autores mais fascinantes e perturbadores para a teoria da História” (BARROS, 2013, p.272).

Mas como o próprio Foucault afirmou em uma entrevista concedida a Dreyfus e Rabinow e publicada mais tarde sob o título *O Sujeito e o Poder* “Assim, não é o poder, mas o sujeito, que constitui o tema geral de minha pesquisa”<sup>3</sup>. Nessa mesma entrevista ele ainda considera que seu objetivo foi fazer uma história dos diferentes modos pelos quais os seres humanos se tornam sujeitos. Para essa tarefa Foucault diz que o seu trabalho lidou com três modos de objetivação, que fazem os seres humanos se transformarem em sujeitos e que podem ser resumidos, segundo Araújo, (2008, p.93-94)

Em as palavras e as coisas, ele tratou das práticas discursivas abordando os modos como a filologia, a economia política e a biologia objetivaram o homem como sujeito falante, a ser produtivo e ser vivo. Em História da loucura e vigiar e punir, abordou as práticas disciplinares que objetivam o sujeito dividindo-o em louco e são de espírito, doente e saudável, criminoso e ordeiro. Nos três volumes de A história da sexualidade, tratou das práticas subjetivantes pelas quais o ser humano se transforma em sujeito de si para si (técnicas de si) ao constituir sua sexualidade.

Portanto, o sujeito na perspectiva foucaultiana vem sendo constituído por longos, árduos e conflitosos acontecimentos discursivos, epistêmicos e práticos. O sujeito não é dado definitivamente na história, mas constitui-se no interior dela” (FONSECA, 2016, p.76-77). Para Michel Foucault, o sujeito é fruto da modernidade e nasce para o saber no final do século XVIII, onde tornou-se objeto de avaliação, sendo constituído de diferentes formas, derivado das variadas práticas de se constituir o indivíduo, em um sujeito subjetivado. A perspectiva do sujeito foucaultiano surge também como uma crítica às **analíticas** da finitude, que **analisando** a finitude do homem (rever escrita), acabaram buscando em sua existência corporal e transcendental, o que ele é em sua essência. “Essas

<sup>3</sup> DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 232.



analíticas da finitude se propuseram a fundar uma filosofia do sujeito, respondendo quem é esse sujeito que vive, trabalha e fala” (ARAÚJO, 2008, p.94-95).

O efeito avassalador causado por Foucault em toda sua complexidade não demorou para refletir no Brasil e na década de 70 surge duas importantes obras historiográficas: *DANAÇÃO DA NORMA*, de Roberto Machado e mais quatro historiadores, publicada em 1978, e *ORDEM MÉDICA E A NORMA FAMILIAR*, de Jurandir Freire Costa publicado em 1979. “Sem sombra de dúvidas, estes trabalhos provocaram nos historiadores um sentimento misto de estranhamento pela enorme novidade teórica da análise e de perplexidade, afinal haviam sido produzidos fora da comunidade dos historiadores” (RAGO, 1995, p.69). A nova teoria de análise foucaultiana, aos poucos, foi tomando espaço na historiografia brasileira e mais tarde refletiu nas pesquisas de grandes historiadores, como: Luzia Margareth Rago e Durval Muniz de Albuquerque.

Com esse impacto de Foucault nas ciências humanas, neste pequeno texto buscarei avaliar como a historiadora Luzia Margareth Rago se apropriou dos conceitos foucaultianos, em especial a ideia de sujeito, em sua produção historiográfica. Como a concepção de sujeito foucaultiano refletiu para a escrita historiográfica de Margareth Rago.

Para esta análise, foi selecionado o livro intitulado *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*, segunda edição, publicado pela editora *Paz e Terra*, que deriva de sua tese de doutorado apresentado ao instituto de filosofia e ciências humanas da UNICAMP no ano de 1990, que agora chamarei de fonte. Para reforçar minha pesquisa, utilizo duas teses de doutorado para o desdobramento da mesma, que acredito ser fundamental para o estudo do período, sendo essas a tese de João Rodolfo Munhoz Ohara, intitulada *Virtudes epistêmicas na historiografia brasileira (1980-1990)*, e a tese *Genealogia de uma operação historiográfica: Edward Palmer Thompson, Michel Foucault e os historiadores brasileiros na década de 1980*, de Igor Guedes Ramos.

Essas teses me ajudaram na reflexão sobre os caminhos que as universidades brasileiras trilharam, após ter instaurado um sistema de pós-graduação a partir da década de 1970, voltada para pesquisadores e profissionais (OHARA 2017), e como “os



pensamentos de Thompson e de Foucault foram *apropriados* pelos historiadores brasileiros entre 1980 e 1990” (RAMOS, 2015, p.14).

Ainda para compreender melhor o historiador e o seu fazer historiográfico, utilizo dois importantes autores que possibilitam o que gostaria de chamar de ferramentas metodológicas. Primeiro Michel de Certeau em seu livro *A escrita da história*, ajudará a compreender a escrita do historiador, o lugar social e as práticas científicas, que estão intimamente conectadas, destacando que o lugar social e as práticas científicas podem ser compreendidas por meio da escrita, na medida em que ela revela a identidade do historiador (CERTEAU 2010).

Por ultimo, será necessário compreender a temporalidade em que a historiadora Margareth Rago produziu sua obra e para tal compreensão François Hartog oferece a sua ferramenta heurística, denominado *regimes de historicidade*, que nos ajudará “[...] a criar distância para, ao término da operação, melhor ver o próximo” (HARTOG, 2019, p.11). Juntamente com sua ordenação do tempo denominado “presentismo”, essas ferramentas nos ajudaram a compreender a produção histórica, como fruto de um tempo e de um lugar.

## RAGO, FOUCAULT E SUJEITO

A historiadora Margareth Rago em sua obra que tenho aqui como fonte, mergulha no mundo da prostituição na cidade de São Paulo entre os anos de 1890 a 1930, com o foco em um determinado grupo de indivíduos chamados de prostitutas, mas que, como veremos, está intimamente ligado também à concepção de uma idealização sobre a mulher, tanto a prostituta como a mulher do lar, ou seja à condição feminina do período, constituída por discursos dos médicos, higienistas, juristas e chefes de polícia (RAGO 2008). Gostaria de, inicialmente, chamar a atenção para o fato de a historiadora, tanto na introdução do seu livro como de sua tese, questionar o uso do termo a partir de um senso comum, quando afirma que a prostituição “é a profissão mais antiga do mundo”. Ela afirma que: “Tecer o fio da continuidade histórica, generalizando o termo “prostituição para denominar as práticas sexuais ilícitas desde os primórdios da humanidade, pode ser





uma atitude enganadora: armadilha do desejo de manter inalterados os vínculos com o passado[...]” (RAGO, 2008, p.25).

Essa atitude enganadora apontada por Rago deve-se à sua concepção de temporalidade, apoiada principalmente em Foucault. Margareth Rago ainda diz: “Construído no século XIX a partir de uma referência médico-policial, o conceito da prostituição não pode ser projetado retroativamente para nomear práticas de comercialização sexual do corpo feminino em outras formações sociais,[...]” (RAGO, 2008, p.25). Ou seja, é impossível pensar que a prostituição no período de 1890-1930, analisado pela historiadora Rago, seja a mesma prostituição ocorrida na antiguidade. As descontinuidades temporais em que Michel Foucault aborda ficam notáveis na abordagem de Rago. O filósofo John Rajchman simplifica bem o “trabalho” histórico feito por Michel Foucault, em que a historiadora Margareth Rago se apoia para questionar a utilização do termo “prostituição como a profissão mais antiga”, Rajchman, (1987, p.47):

Suas histórias são, em si mesmas, histórias nominalistas. Não são histórias de coisas mas de termos, categorias e técnicas, através dos quais certas coisas tornam-se, em certos momentos, o foco de toda uma configuração de discussão e procedimento. Poder-se-ia dizer que Foucault oferece uma resposta *histórica* à questão filosófica sobre o modo como tais coisas são “constituídas”. A resposta dele é em termos não de condições transcendentes de experiência, comunicação ou linguagem mas do surgimento, em momentos específicos, de pressupostos comuns a um corpo disseminado de pensamento e política; e a finalidade dele não é “fundamentar” a experiência de coisas mas desnaturalizar, desfamiliarizar e distanciar-nos dela e, por conseguinte, questionar a sua *raison d’être*.

Portanto, logo no começo de seu trabalho Rago utilizou-se de Foucault para pensar os objetos históricos como práticas discursivas, construídas ao longo do tempo, preocupada em encarar a história como rupturas e descontinuidades.

A historiadora, no capítulo 3 de seu livro, narra a apropriação do termo prostituta como objeto de análise dos discursos médicos e policiais do período estudado por ela, apoiados fundamentalmente em Augusto Comte, Herbert Spencer, Richard von Krafft-Ebing e Cesare Lombroso. E que no Brasil, segundo ela (2008), foram divulgados por seus discípulos positivistas como: Raimundo Teixeira Mendes e Miguel Lemos, o Médico Tito Lívio de Castro e do jurista Viveiros de Castro. Responsáveis pela definição de mulher, tanto a prostituta como a mulher de “bem”, para “[...] os médicos e juristas, sua



questão central era conhecer a posição da mulher e definir que papel lhe caberia na sociedade moderna” (RAGO, 2008, p.177).

De um lado, as prostitutas seriam

[...] constituída como mãe-natureza, totalmente transparente, a prostituta é *opaca* ao olhar científico masculino, podendo ser lida e identificada apenas por sua aparência: pelos cheiros, roupas, maquilagens, gestos, signos que ocultam qualquer interioridade[...] “Mulher pública”, a prostituta foi percebida como uma figura voltada para o exterior, mulher do mundo sem vínculos nem freios, ao contrário da mãe[...] Na superfície do seu corpo, os médicos leram os traços de sua estrutura psicológica: no tamanho dos quadris, na largura da testa, no comprimento dos dedos decifraram os sinais de uma anormalidade estrutural (RAGO, 2008, p.174).

Ou seja, a prostituta possuiria características físicas e psicológicas que construíram sua identidade. A historiadora ainda faz um estudo minucioso das idéias do psiquiatra Cesare Lombroso que, segundo ela, foi marcado pelo darwinismo e pelo positivismo. Algumas dessas ideias de Lombroso foram repetidas no Brasil durante algumas décadas por médicos e policiais como Cândido Motta, Viveiros de Castro e Leonídio Ribeiro (RAGO, 2008). Essas concepções abordavam características diversas das prostitutas, que acabaram definindo-a como “degenerada nata” ou o equivalente feminino à criminalidade. Segundo Rago, (2008, p.187-188):

Examinando minuciosamente sua aparência,[Lombroso] evidencia todos os sinais indicadores da inferioridade orgânica e mental: os estigmas. Configuração menor do cérebro, mandíbula maior, tamanho inferior ao da mulher normal, peso um pouco acima, mãos mais longas, pés mais curtos, canelas mais grossas, cabelos mais volumosos atestam a diferença genética da prostituta em relação à “mulher normal”. [...] Segundo ele, [Lombroso] a prostituta nata se caracteriza, ainda, pela atração pelo roubo simples, estilo chantagem; adora bebidas alcoólicas, como os criminosos; é violenta, gosta de brigas, enfim, a figura mais completa da desrazão humana, concentra tudo aquilo que de pior existe na humanidade.

Em contrapartida, a figura da mulher “normal” entra em jogo para esses discursos que pouco a pouco vão sendo responsáveis por constituir a figura da mulher “normal”. Por mais que as mulheres do período analisado por Rago buscassem formas de resistir ao velho papel da mulher como a “rainha do lar”, e as concepções biologizantes que enfatizavam a noção de que a função primeira de qualquer mulher era a maternidade, os





discursos dos médicos, positivistas e juristas ainda eram muito fortes na sociedade. As mulheres buscaram na imprensa feminina uma saída para sua própria subjetivação, quando:

[...] essa imprensa feminina tem seus momentos progressistas ao buscar uma redefinição do modo de subjetivação da mulher e abrir espaço para que ela mesmo se pense enquanto tal: ao demonstrar a importância de sua luta específica pelo ingresso no mercado de trabalho, pelo acesso a todos os campos da vida social desfrutados pelo homem, ao reivindicar iguais direitos e iguais salários em troca dos mesmos trabalhos (RAGO, 2008, p.91).

Porém, o papel das teses biologizantes ainda se fazia presente no papel da mulher, sendo assumida por muitas delas para reivindicarem outras lutas, ou seja, para terem direitos iguais no trabalho, na educação, na própria sociedade em geral. Partindo desse pressuposto do papel natural da mulher para a maternidade, os cientistas definiam a “mulher normal” como alguém que tinha necessidade sexual muito mais baixa ou nula do que a do homem, por serem naturalmente predominadas pelo instinto materno sobre o sexual (RAGO, 2008).

A mulher “normal” foi também o grande foco de Lombroso, na medida em que ele definia a mulher como carente de tudo que o homem tem de positivo. A historiadora aponta:

Assim, por sentirem-se menos do que os homens – tanto afetos, quanto emoções e sensações -, as mulheres são mais rudes e cruéis. Adoram ver o sofrimento, apreciam a tortura, ao contrário daqueles que destroem em defesa própria. Mentirosas, desleais, sugestionáveis, avarentas, vingativas, crédulas, injustas,[...] (RAGO, 2008, p.186).

Aos poucos a mulher vai sendo cientificamente construída como ser inferior aos homens, e todas as exclusões passam a ser justificadas na medida em que essas teorias ganham forças. No Brasil, Margareth Rago ainda salienta que as idéias de Lombroso foram repetidas entre os criminologistas, médicos e policiais como Cândido Motta, Viveiro de Castro e Leonídio Ribeiro. Se a mulher fosse do lar para a vida pública, isso poderia aumentar a participação feminina na criminalidade, sem dizer que para Viveiro de Castro, segundo Rago, a criminalidade feminina estaria associada à idéia de imoralidade. Além do mais, já que a mulher tinha pouco ou nada de desejo sexual, a



traição a tornaria uma prostituta. Portanto, ao decorrer de sua produção, Rago demonstra uma longa construção da mulher “normal” e da prostituta, a partir dos discursos dos médicos, juristas, policiais e intelectuais no Brasil, no recorte temporal analisado. De um lado estaria a mulher “normal” como mãe, responsável pelo santuário (o lar), com instinto para a maternidade. que sse sobreporia ao desejo sexual e ausência de tudo o que há de positivo no homem.

Do outro lado a prostituta, figura da loucura moral, com características físicas e psicológicas específicas que as constituem (Victor, creio que seja melhor redefinir o tempo verbal usado. É melhor reforçar que o olhar era destes discursos e não afirmar que a mulher **era, mas seria**, segundo esta abordagem. De qualquer forma a mulher, em seu todo, seria construída como um sujeito inferior e negativo do homem, restrita a determinadas funções cientificamente explicadas por uma rede de discursos que buscaram constituir e definir a mulher e seu lugar na sociedade.

A concepção de sujeito historicamente constituído de Michel Foucault, na obra de Margareth Rago, fica evidente. O sujeito abordado historicamente na obra da historiadora é a mulher, mais especificamente a prostituta, que em um sentido contrário acaba por definir a mulher “normal”. Apoiada principalmente nas últimas obras de *Foucault, em História da Sexualidade I e História da Sexualidade II*, a historiadora escreveu sobre sua tese:

Essas Reflexões orientaram a vêm orientando [de Michel Foucault] vários trabalhos ainda em vias de realização. Particularmente, foi de importância fundamental para nossas discussões sobre o mundo da prostituição em São Paulo, nas décadas iniciais deste século [século XX]. Os Prazeres da noite, recentemente publicado, orientou-se basicamente pelas reflexões foucaultianas que ultrapassavam a questão da normatização do corpo da mulher, tentando incorporar a problematização das referências morais e das formas de subjetivação, que informaram os comportamentos femininos no universo do submundo da cidade, em processo de modernização (RAGO, 1993, p.31).

As idéias de Foucault possibilitaram uma compreensão histórica dos sujeitos que foram utilizados na produção historiográfica de Margareth Rago, além de pensar a sexualidade como um dispositivo repleto de relações de poder dotado de instrumentalidade. Resumidamente



Ela [a sexualidade] é um dispositivo que arma estratégias de relações de força localizáveis nos saberes médicos, psicológicos, pedagógicos, em todos aqueles saberes que, ao visarem ao que é mesmo o indivíduo, acabam tendo efeito de poder, no sentido de discipliná-lo, normalizá-lo, encaixá-lo em uma instituição (ARAÚJO, 2008, p.88).

Os discursos dos médicos, juristas e intelectuais do período analisados por Rago serviram para justificar a soberania do homem sobre a mulher, nos espaços públicos ou privados, a sexualidade e o corpo da mulher como objeto de estudo, definiu seus espaços e a sua subjetividade.

## ESPAÇOS E POSSIBILIDADES

Gostaria de discutir um pouco sobre o cenário historiográfico brasileiro no final da década de 80, momento em que a tese de Margareth Rago foi produzida. Na década de 1970, no Brasil, o sistema de pós-graduação é consolidado e acontece um interesse crescente pela historiografia e a consolidação da profissão de historiador, que permitiu uma especificidade metodológica para a historiografia profissional. (NICODEMO; SANTOS; PEREIRA, 2018). Ou seja, o fazer história fica a caráter do profissional formado em história, que obedece a um conjunto de “regras” e metodologias específicas da disciplina. Segundo (OHARA 2017, p.31): “[...] o historiador é resultado de um longo processo de subjetivção pelo qual adquire o domínio não apenas de técnicas específicas, mas de disposições pessoais que o legitimam enquanto um intérprete de vestígios do passado”.

Ainda na década de 1970 e 1980, o historiador Malerba (1997, p.210) afirma que “Nesse período os cursos experimentaram a definição de suas áreas de concentração, cuja ênfase recaiu na história econômica e social, predominando os recortes regionais nas linhas de pesquisa”. Essa afirmação do historiador Malerba é feita a respeito do livro intitulado *A História no Brasil*, de Carlos Fico e Ronald Polito, que procurou fazer um estudo da produção historiográfica universitária no Brasil no período de 1980 a 1989. Malerba aponta a crítica feita na obra de Fico e Polito sobre a possível renovação ocorrida



na década de 1980, na historiografia brasileira, sobretudo pelos historiadores vinculados à UNICAMP. A crítica de Fico e Polito, segundo Malerba (1997, p.212-123), tem dois pontos:

Primeiramente, porque os profissionais via de regra ligadas a tal renovação não constituem um grupo homogêneo de ponto de vista teórico. O que lhes atribuiria uma identidade é uma avaliação rasteira e superficial, fundada na observação de opções temáticas – e não propriamente teóricas. Em segundo lugar, há uma discrepância fundamental entre a produção dos cursos de pós-graduação e o que se divulga como sendo marca daquela renovação.

Ou seja, essa renovação teria ocorrido apenas nas temáticas como a sexualidade, imaginário, cotidiano, mentalidade entre outros, mas que não atingiu a camada teórica/metodológica da disciplina. Entre essas discussões mais recentes, retomo a entrada de Michel Foucault no Brasil, especificamente na disciplina história. Como mostra Ohara (2014) em sua tese de doutorado, Foucault foi apropriado por alguns historiadores entre a década de 1980 e 1990, como Durval Muniz, Thaís Velloso Cougo Pimentel, Ronaldo Vainfas e a própria Margareth Rago. Embora a tese de Ohara tenha buscado os historiadores que se utilizaram de Foucault e Thompson, ela é de extrema importância para a identificação dos pensamentos de Foucault no período. Como mostra Ohara, a historiadora Rago já tinha trabalhado com o filósofo francês em sua dissertação de mestrado intitulada *Sem fé, sem lei, sem rei: liberalismo e a experiência anarquista na República*, apresentada à UNICAMP no ano de 1984. Segundo Ohara (2014, p.328), a tese de Rago:

Neste estudo, a *apropriação* de Foucault permitiu exatamente “abrir toda uma perspectiva” e fundar “outros parâmetros” isto é, sua concepção de poder possibilitou rever os “locais” e os mecanismos da *luta de classes*. Foram nos pontos de *convergência* (ou *aproximação*) entre a noção de *microfísica do poder* de Foucault e o pensamento de Thompson que Rago fundou sua análise da luta entre a burguesia e os trabalhadores brasileiros na Primeira República.

Porém, a historiadora Rago já buscava nos discursos médicos-sanitaristas, policiais e dos intelectuais as definições que implicavam sobre a mulher do período. No livro intitulado *Recordar Foucault*, organizado por Renato Janine Ribeiro, a historiadora publicou um capítulo referente à sua dissertação de mestrado, mostrando a tese de



doutorado do dr. F. Ferraz de Macedo, onde o mesmo classifica as prostitutas em tabelas e características, ou seja, a prostituição se tornava objeto de conhecimento científico. Rago complementa sobre a constituição da mulher do período:

No contexto de integração do proletário emergente ao universo dos valores burgueses, a construção de uma nova identidade da mulher constituiu uma breca pela qual os dominantes procuraram penetrar no interior da habitação e da própria vida dos pobres e gerir seu cotidiano nos mínimos detalhes. (RAGO, 1985, p.222).

A noção da construção dos indivíduos já estava presente em sua dissertação de mestrado e com o mesmo sentido que ao definir a prostituta. Esses discursos acabam construindo também a mulher honesta ou “normal”. Ainda sobre sua dissertação, Rago salienta:

Nesse sentido, a partir dos discursos médicos-sanitaristas, criminólogos, dos filantropos, dos positivistas, da Igreja, de sotes da burguesia industrial e, em alguns momentos do próprio movimento operário, que define tanto a figura da “rainha do lar” quanto a da mulher pública e que implica a total dessexualização de ambas. (RAGO, 1985, p.223)

Entre as técnicas de saber e estratégias de poder, acaba-se por enclausurar e a domesticar as práticas sexuais a partir do dispositivo da sexualidade. Portanto, fica notável na dissertação e na tese da historiadora Rago a presença desse sujeito constituído historicamente, que é marca fundante no pensamento de Michel Foucault, e possibilitou para Rago uma nova compreensão da mulher no seu recorte temporal. Em contrapartida, a crítica feita de Fico e Polito parece se reduzir apenas ao reconhecimento de seus pares. No contexto contemporâneo em que se firmou a história universitária, a necessidade de reconhecimento de seus pares para tal ato, torna-se fundamental, segundo de Certeau (2010).

Evidente que Foucault trouxe consigo certo descontentamento pelos historiadores na Europa e no Brasil, seja pelo seus métodos ou certa crítica ao pensamento marxista. No Brasil, como afirma Ohara, o maior crítico de Foucault foi o historiador Ciro Flamarion Cardoso, dizendo que: “o pensamento foucaultiano é basicamente reacionário e irracional, [...]” (OHARA, 2014 p.236). Sem entrar em detalhes sobre as críticas especificamente, Foucault não foi aceito de imediato e teve certa resistência ao seu



pensamento dentro do campo da história. Porém, como afirma Rago (1995, p.70), mesmo os historiadores “[...] anti-foucautianos não puderam prescindir das noções das noções de discurso, poder disciplinar, genealogia e sobretudo da contundente crítica à idéia da transparência da linguagem”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Busquei, no decorrer deste texto, demonstrar e identificar a influência e a utilização da concepção de sujeito de Michel Foucault no livro da historiadora Margareth Rago intitulado *Os prazeres da noite: Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1980-1930)*. O sujeito historicamente constituído, na historiografia de Rago, transforma-se a prostituta na mulher “normal”, onde os discursos científicos, jurídicos e intelectuais (está confuso) buscaram explicações “lógicas” para definir o papel da mulher na sociedade e silenciá-la como um sujeito inferior, portador de ausência de tudo que existe de melhor no homem. Ressaltei o meio em que a historiadora produziu sua tese, com o sistema de pós-graduação consolidado na formação de um historiador apto a produzir estudos históricos de acordo com os critérios “mais modernos” da disciplina” (OHARA, 2017, p.34) e os debates em torno da aceitação do pensamento de Foucault no Brasil e as críticas feitas a historiografia da década de 1980.

Nesse emaranhado, Rago abraçou Foucault que contribuiu para que sua narrativa compreendesse os sujeitos, “[...] uma subjetividade, vista da exterioridade, apresenta-se como uma construção histórica sob determinadas condições e se dá na relação com o discurso” (FERNANDES, 2012, p.76).

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Inês Lacerda. **FOUCAULT: e a crítica do sujeito**. 1. ed. Curitiba: UFPR, 2014. p. 1-234.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **O engenho anti-moderno: a invenção do Nordeste e outras artes**. 1994. 500f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de





Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280137>>.

BARROS, José D'assunção. **Teoria da História: III. Os paradigmas revolucionários**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013. p. 10-328.

CERTEAU, Michel de. **A operação historiográfica**. In: \_\_\_\_\_. **A Escrita da História**. [Tradução de L'Écriture de l'Histoire]. (2ª ed.), Rio de Janeiro. Editora Forense Universitária. 2010, p. 65-119

COSTA, Jurandir Freire. **ORDEM MÉDICA E NORMA FAMILIAR**, Rio de Janeiro: Graal, 1979.

DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Discurso e sujeito em Michel Foucault**. 1. ed. São Paulo: Intermeios, 2012. p. 1-106.

FONSECA, M. A. D. **Michel Foucault e a constituição do sujeito**. 1. ed. São Paulo: EDUC, 2016. p. 1-144.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**: Tradução de roberto machado. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1977.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: Nascimento da prisão. null. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade, vol. I: A vontade de saber**. Tradução brasileira de Maria Tereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhaon Albuquerque. Rio de Janeiro, Graal, 1977.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade, vol. II: O Uso dos prazeres**. Tradução brasileira de Maria Tereza da Costa Albuquerque. Revisão técnica de José Augusto Guilhaon Albuquerque. Rio de Janeiro, Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.



FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: Presentismo e experiências do tempo. 1. ed.; 3.; reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

HARTOG, François. **Evidência da História**. O que os historiadores veem. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

MACHADO, Roberto. **Danação da Norma**: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil. 1. ed. [S.l.]: Graal, 1978.

Malerba, J. (2017). A História no Brasil (1980-1989). Elementos Para uma avaliação historiográfica e Série Dados. *Diálogos*, 1(1), 209-214. Recuperado de <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/37429>

OHARA, João Rodolfo Munhoz. **Virtudes epistêmicas na historiografia brasileira (1980-1990)**. Tese de Doutorado. UNESP: Assis – SP, 2017.

RAMOS, Igor Guedes. **Genealogia de uma operação historiográfica**: as apropriações dos pensamentos de Edward Palmer Thompson e de Michel Foucault pelos historiadores brasileiros na década de 1980. 2014. 541 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/114009>>.

RAGO, Margareth. O efeito-Foucault na historiografia brasileira. **Tempo Social**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 67-82, out./1995.

RAGO, M. As Marcas da Pantera: Foucault para Historiadores. **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura**, v. 4, n. 5, p. 22-32, 1 dez. 1993.

RAGO, Luzia Margareth. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). 1990. 2v. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/325802>>.

RAGO, Margareth ; ORLANDI, Luiz; Veiga-Neto, Alfredo – **Imagens de Foucault e Deleuze**, ressonâncias nietzschianas. Rio de Janeiro: DPA, 2002.

RAJCHMAN, John. **Foucault**: A liberdade da filosofia. 1. ed. Rio De Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

RIBEIRO, Renato Janine. **Recordar Foucault**: Os textos do Colóqui Foucault. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 1-249.

VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história**: Foucault revoluciona a história. 4. ed. Brasília: UNB, 1998.

7, 8 e 9  
DEZEMBRO

**8º ENCONTRO  
DE PESQUISA EM  
HISTÓRIA**

MEMÓRIA E HISTÓRIA  
NA ERA DIGITAL

